

O desafio da reconstrução

Com paciência e dedicação, os vietnamitas reconstroem a economia do país atendendo às necessidades básicas da população e aos imperativos do desenvolvimento

Carlos Pinto Santos, enviado especial

Entender a realidade vietnamita em 1985 é impossível se não se tiverem sempre presentes — qualquer que seja o aspecto do país ou do seu povo que se tente retratar — as dimensões do drama que viveram ao longo de duas décadas. Vinte e um anos foram necessários para que cinco presidentes e inúmeros generais norte-americanos reconhecessem uma evidência que se recusavam a aceitar: a derrota infligida à maior potência econômica e militar do planeta por um povo pobre e, aparentemente, frágil.

Diga-se a favor da Casa Branca e do Pentágono que não eram os únicos incrédulos. O mundo compartilhou com eles, durante anos, a certeza de que os Estados Unidos da América eram demasiado poderosos para serem vencidos por um “pequeno povo de camponeses comedores de arroz”.

Os vietnamitas eram os únicos que não acreditavam nisso, porque também eles tinham sua certeza.

Sabiam que, ao longo dos séculos, haviam enfrentado as maiores potências da época, acabando sempre por expulsá-las do seu território. Expulsaram no século 9 os chineses, no tempo da grande expansão do império Han, ao fim de um milênio de ocupação marcado por dezenas de rebeliões vietnamitas, muitas com vitórias provisórias. Venceram os *chams* nos séculos 11 e 12. Rechaçaram os mongóis de Genghis Khan e do seu neto Kublai Khan no século 13, quando estes eram senhores de quase todo o mundo. Repeliram, de novo, os chineses das dinastias Ming e Ching nos séculos 15 e 18, respectivamente. Ainda no século 18, triunfaram sobre os *khmers*.

Depois de três décadas de resistência, caíram no final do século 19, sob o domínio colonial francês, que durou quase cem anos.

Em 1941, começa a luta contra os japoneses, vencedores e substitutos dos franceses na Indochina. Nesse ano, Ho Chi Minh funda o Viet Minh (Liga para a Independência), organiza a guerrilha, lidera a insurreição geral contra os novos invasores e a independência do Vietnã é proclamada a 2 de setembro de 1945, em Hanói.

Ho Chi Minh comanda nova insurreição geral a partir de 19 de dezembro de 1946, desta vez contra os antigos colonizadores, que haviam regressado no final da II Guerra Mundial. Segue-se uma guerra de oito anos até que, em 7 de maio de 1954, os franceses são esmagados em Dien Bien Phu, na maior batalha perdida por um exército colonial europeu.

Mal os europeus saem de cena, entram, confiantes, os norte-americanos, que, nos últimos anos, já cobriam 78% dos gastos militares do aliado francês.

Lançar o Vietnã na Idade da Pedra — Muito ricos, os Estados Unidos não mediram gastos e tudo fizeram para vencer a guerra. De 1954 até 29 de abril de 1975 (quando o embaixador Graham Martin saiu apressadamente de Saigon num helicóptero Polly Green Giant, depois de embarcar no telhado da embaixada), gastaram 150 bilhões de dólares, porque consideravam o Vietnã “de uma importância decisiva para a posição dos EUA no Sudeste Asiático” (J. Foster Dulles, secretário de Estado).

Por terem acreditado superar a obstinação dos adversários, cuja história menosprezaram, lançaram sobre o Vietnã 15 milhões de toneladas de bombas e granadas, isto é, mais de três vezes o total utilizado em toda a II Guerra. Usaram a tecnologia mais avançada



Hanói:
passados mais
de vinte anos,
os vietnamitas
continuam
lembrando os
mortos no “Natal
de Nixon”, em
1972

Escombros de uma escola na
provincia de Son Be



REPORTAGENS

Carlos Pinto Santos

me os desígnios do general, mas era um imenso campo de ruínas quando a guerra acabou.

170 kg de dioxina – Dez anos depois, os bombardeios norte-americanos continuam a fazer vítimas. Nas quatro cooperativas que visitamos, haviam ocorrido, três a cinco semanas antes, acidentes com camponeses ou meninos tratadores de búfalos, que perderam braços, pernas e, num caso, a vida, por terem pisado numa

bomba ou mina antipessoal.

De 1975 a 1978, só a província de Quang Nam-Da-nang contou 3.700 mortos e feridos em tais circunstâncias; na província ao norte, Binh Tri Thien, houve, desde o final da guerra, cerca de 3.000 mortos; no distrito de Trieu Phong (antiga província de Quang Tri), registram-se, num ano, 750 mortos, sem contar os feridos.

do planeta para vencer uma guerra onde nada poupavam e a tudo recorreram, exceto às armas nucleares¹. Tentaram reduzir o Vietnã a nada, ameaçando com o apocalipse: "Digam aos vietnamitas para colocarem o rabo entre as pernas ou nós vamos lançá-los na Idade da Pedra" (general Curtis Lemay, maio de 1964).

O Vietnã não foi devolvido à Idade da Pedra, confor-

As crianças "amero-asiáticas"

Ho Chi Minh é ainda a cidade dos grupos de crianças que interpe-lam e brincam com os estrangeiros de traços ocidentais, escoltando-os pelas ruas e praças da cidade.

No meio dessas crianças, algumas se sobressaem pelos traços fisionômicos ou cor escura da pele. Têm todas mais de dez anos de idade, são mestiças, filhas de soldados norte-americanos. Chamam-lhes "amero-asiáticas", termo inventado pela imprensa norte-americana.

O governo de Washington levantou a questão destas crianças e adolescentes em 1982, nos contatos com diplomatas vietnamitas, em Genebra. Acusaram os dirigentes e instituições do Vietnã de discriminação em relação a essas crianças com sangue norte-americano (a maior parte nasceu de violações cometidas pelos soldados), propondo ao governo de Hanói que as deixasse emigrar para os Estados Unidos. Com a questão dos soldados norte-americanos desaparecidos no Vietnã do Norte e a intervenção vietnamita no Camboja, a situação dos "amero-asiáticos" constituía parte dos obstáculos que a administração Reagan invocava para recusar-se a iniciar o processo de negociações entre os dois países.

Os vietnamitas concordaram imediatamente, impondo como única condição que a partida das crianças e suas mães, desejosas de emigrarem para os Estados Unidos, se fizesse através dos serviços do Alto Comissariado da ONU para os Refugiados (Acnur).

De 1983 a março de 1985, 4.700 famílias com crianças "amero-asiáticas" foram encaminhadas pelo Acnur para os EUA.

A partida dessas crianças tem se processado de forma muito lenta porque, segundo a versão vietnamita, os serviços de imigração norte-americanos foram surpreendidos pela concordância imediata do governo de Hanói e começaram a levantar obstáculos à sua entrada. Esta explicação nos foi confirmada por uma funcionária francesa da delegação do Acnur em Ho Chi Minh.

Phan Thu My Dung tem 38 anos e, em 1970, era empregada de um restaurante em Nha Trang, a 400km ao norte de Saigon. Conheceu aí um norte-americano que nunca viu fardado e com quem viveu durante quatro meses. Engravidou e Bill – o único nome ou referência que tem dele – convenceu-a a ir para Saigon, onde My

Dung tinha família. A jovem adoeceu, teve uma menina e regressou a Nha Trang. Bill tinha desaparecido sem deixar rastro e My Dung não teve coragem de procurá-lo através dos serviços militares norte-americanos, porque considerava que vivera com ele numa situação irregular.

Nada mais soube do pai de Phan Thi Thu Huong, hoje uma bonita adolescente de 14 anos, que estudou até o segundo ano do secundário, quando deixou os estudos para aprender inglês, em 1982, já pensando em ir para os EUA. Foi nesse ano que mãe e filha se candidataram para emigrar. Passaram nos exames médicos exigidos pelos serviços de imigração dos EUA e, desde então, esperam a chamada do Acnur.

Os funcionários do Acnur não lhes deram qualquer esperança de poder vir a encontrar o pai de Thu Huong, não sabem quando viajarão, nem em que condições irão viver nos Estados Unidos. O futuro é para elas uma incógnita total.

Thu Huong nunca se sentiu discriminada pelos seus traços ocidentais na escola ou no bairro onde vive e, com um sorriso ingênuo, garante ao repórter que encontrará o pai.

Destruição em massa

- No Vietnã do Norte, os aviões dos EUA destruíram 70% das aldeias e bombardearam todas as cidades, algumas das quais (Vinh, Hong Gai, Dong Hoi, Phu Ly) foram totalmente arrasadas.

- Todas as instalações industriais do norte foram atingidas e, durante os bombardeios do "Natal de Nixon" (1972), 70 a 80% do potencial industrial do norte foram destruídos.

- Todas as pontes do país foram destruídas; as estradas e as ferrovias, bombardeadas várias vezes.

- Cerca de 1.600 instalações de hidráulica agrícola, que irrigavam centenas de milhares de hectares, e mais de 1.000 diques de proteção contra as inundações e a invasão das águas marinhas nos arrozais foram destruídos.

- Todas as barragens do norte foram danificadas.

- Mais de 3.000 escolas e faculdades, 1.500 enfermarias e maternidades de aldeia e 350 hospitais foram arrasados (2.500 doentes do leprosário de Quynh Lap foram mortos pelas bombas de fósforo).

- Cerca de 9.000 das 15.000 aldeias do sul foram parcial ou totalmente devastadas.

- A população urbana passou de 10% em 1960 para 65% no fim da guerra, enquanto a população rural se reduziu de 85% para 35% (Saigon, que à época da colonização francesa não tinha mais que meio milhão de habitantes, ultrapassou os 4,5 milhões na "era americana").

- Na data da reunificação do país, havia no sul mais de três milhões de desempregados, 4 milhões de analfabetos, 1,2 milhão de antigos soldados, oficiais e policiais de Van Thieu desmobilizados, um milhão de tuberculosos, 360 mil mutilados de guerra, um milhão de viúvas, 800 mil órfãos, centenas de milhares de prostitutas, viciados, mendigos e crianças abandonadas (70 mil, 50 mil, 10 mil e 15 mil, só em Saigon, respectivamente), dezenas de milhares de delinquentes (número que aumentou sensivelmente com a desmobilização do exército de Saigon), um quarto da população de Saigon com doenças venéreas e focos de cólera nos bairros mais miseráveis da cidade.

- Dez milhões de hectares de terras de cultivo inutilizadas em todo o país, cinco milhões de hectares de florestas fumigadas a querosene e, em seguida, queimadas a napalm; um milhão de búfalos e bois mortos; 25 milhões de crateras de bombas etc. etc...

A lista é demasiado extensa para ser aqui publicada.

A guerra química, desencadeada pela administração Kennedy sobre o Vietnã do Sul a partir de 1961, também continua a acarretar terríveis conseqüências.

Num estudo publicado em 1982, o biólogo norte-americano Arthur Westing avaliou em 57 milhões de quilos o total de "agente laranja" despejado no sul do país pela aviação dos Estados Unidos. Esta quantidade corresponde a 170 kg de dioxina, cerca de 70% do que se calcula existir no mundo deste veneno, duas mil vezes mais forte que o cianeto.

Outro estudo, recentemente elaborado pelo governo vietnamita com a assistência da Suécia e da União Internacional para a Conservação da Natureza, indica que 1,7 milhão de hectares de antigas terras de cultivo ainda estão improdutivas em 1985 em conseqüência da dioxina que receberam.

É com esta pesada herança que os

Carlos Pinto Santos

vietnamitas são obrigados a viver. Uma década de paz é pouco para superá-la. Além do mais, uma paz muito relativa com a intervenção no Camboja, a invasão chinesa de 1979 e o subseqüente estado de tensão com escaramuças, mantido até hoje, na fronteira do norte, o cerco militar da Asean (Associação das Nações do Sudeste Asiático) e o boicote econômico promovido pelos EUA².

O massacre de Thuy Bo

- Novecentos quilômetros ao norte de Nhi Xuan, na província de Quang Nam-Danang, está localizada a comuna de Dien Tho. Inevitável, como em todo o Vietnã, a visita às três cooperativas agrícolas da aldeia inicia-se, depois da tradicional mensagem de boas-vindas e dos agradecimentos pela presença do jornalista, com a evocação da história da região na sala de reuniões do edifício administrativo. À volta da mesa - repleta de xícaras de café e chá, pratos com fruta e cigarros -, sentam-se os membros do Comitê Diretivo. Vo Kim Ho, guia e intérprete, traduz tudo com um sorriso tranquilo, mesmo quando Le Cong

Chin, o principal responsável partidário de Dien Tho, recorda os acontecimentos trágicos da guerra.

A 500 metros da sala onde conversamos, ergue-se



Destroços de um B-52 abatido durante os combates

A guerra do lado dos EUA

No muro negro do Vietnam Veterans Memorial, em Washington, estão gravados 58.022 nomes. São todos os soldados norte-americanos mortos nos 21 anos da intervenção dos Estados Unidos no Vietnã. Soldados que caíram na “guerra especial” (fase dos “conselheiros militares”, que se seguiu à derrota dos franceses), na “guerra localizada” (iniciada em 8 de março de 1965, com o desembarque no porto de Qui Nhon, em Danang, da “divisão mais rápida do mundo”, a 1ª de Cavalaria, equipada com 15 mil helicópteros) e na época da “vietnamização da guerra” (“mudar a cor dos cadáveres”, segundo palavras do embaixador dos EUA), inaugurada por Nixon no começo da década de 70.

Os Estados Unidos tiveram mais de 300 mil feridos e centenas de milhares dos seus homens ainda sofrem de perturbações emocionais e seqüelas físicas (contaminação do “agente laranja”, por exemplo) pela sua participação na guerra.

Morreram em combate 240 mil soldados do regime de Saigon. Do lado norte-americano, ao longo das

duas décadas, 2,7 milhões de soldados — este número não inclui aqueles com participação indireta nos combates — dos três ramos das forças armadas dos Estados Unidos passaram pelo Vietnã. Sua média de idade era de 19 anos, contra 26 anos durante a II Guerra Mundial.

De acordo com números do Pentágono, os EUA tinham no Vietnã, em 1961, 400 “conselheiros militares”; em 1965, após o desembarque Danang, 185 mil soldados; em 1969, ponto culminante da intervenção, 580 mil, cifra reduzida em 1972 para 173 mil, com a “vietnamização da guerra”. Contando com o exército de Saigon e os contingentes da Coreia do Sul, as tropas que combateram Hanói e a Frente Nacional de Libertação (FNL) chegaram a somar mais de 1,2 milhão de homens.

Nos céus do Vietnã foram abatidos 4.181 aviões da *US Air Force* (3.000 no norte), feito comemorado pelos correios de Hanói, ao longo dos anos, com uma coleção de 19 selos alusivos. Este número inclui as 58 fortalezas voadoras B-52 (cada um destes mastodontes transportava 30

toneladas de bomba), 23 das quais derrubadas pela artilharia antiaérea e pelos mísseis soviéticos *Sam* — adaptados por cientistas vietnamitas, durante os ataques a Hanói, Haiphong e outras cidades do norte — durante o mês de dezembro de 1972 (entre os dias 18 e 30 daquele mês). O período ficou conhecido como “Natal de Nixon” ou “Natal de Kissinger”.

Após a assinatura dos Acordos de Paris (27/1/73), Hanói libertou 566 prisioneiros norte-americanos, em sua maior parte capturados em 1968, dos quais 300 pilotos. Cerca de 80% dos prisioneiros fizeram declarações públicas contra a agressão dos Estados Unidos durante o cativeiro.

O governo de Washington afirma que ainda estão desaparecidos 2.483 soldados do seu país em todas as regiões do Vietnã. Em 1982, 18 corpos foram restituídos pelas autoridades vietnamitas, que garantem terem sido os últimos encontrados dessa lista de desaparecidos. Elas asseguram também que não há qualquer prisioneiro norte-americano no Vietnã.

um monumento em forma de pilar quadrangular, semelhante a milhares de outros espalhados pelo país. Diz a inscrição na base do monumento: “Aqui, os agressores dos Estados Unidos assassinaram 145 velhos, mulheres e crianças queridos. Que este ódio nunca seja apagado e fique sempre vivo, muito profundamente, em todos nós.” Uma data, 10/2/67, e o nome do lugarejo, Thuy Bo. No fundo, foi apenas outro massacre cometido pelos soldados norte-americanos, desconhecido no mundo porque aqui não houve, como em Son My-Lai, fotos que abalasses a consciência da opinião pública.

Depois de fuzilarem 145 pessoas em menos de 15 minutos, os soldados norte-americanos esvaziaram toda a região, de grande importância estratégica na defesa de Danang, o maior complexo militar que os Estados Unidos tiveram no Vietnã e de onde lançavam os ataques à zona do Paralelo 17 e às cidades do norte.

Não obstante, em 1970, ainda resistiam na região mais de mil camponeses, que perambulavam de luga-

rejo em lugarejo, semi-arrasados, transportando em sacos tudo o que lhes era possível possuir nesta “zona branca”³. As suas casas, os abrigos subterrâneos e as colheitas eram sistematicamente queimadas. Quatro mil pessoas caíram na luta e, entre estas, 1.500 quadros revolucionários e membros das forças de autodefesa.

“Fomos considerados uma das aldeias heróicas da província e, tal como a unidade de autodefesa, recebemos várias condecorações. Em 28 de março de 1975 (véspera da tomada de Danang pelo Exército Popular), as forças da aldeia neutralizaram quatro batalhões do exército inimigo, o que lhes deu direito à Ordem da Libertação de Primeira”, conta, orgulhoso, Le Cong Chin. ■

1 Numa entrevista dada à revista *Time* em julho de 1985, o ex-presidente Richard Nixon afirmou que, durante o seu governo, considerou a hipótese de utilizar a bomba atômica em quatro ocasiões, uma das quais no Vietnã. Segundo acrescentou, o que impediu de recorrer à bomba atômica no Vietnã foi a previsão da morte de um milhão de civis.

2 Em março passado, o governo norte-americano decidiu suspender parcialmente o embargo econômico ao Vietnã.

3 Na linguagem militar do comando militar norte-americano isso significava área de “destruição total”.